



Data: 28.04.2011

Título: CHAMAR AS PESSOAS A PARTICIPAR NA VIDA DAS CIDADES

Pub: **Jornal de Notícias**


clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11

Conversas com Norte

ALEXANDRE QUINTANILHA, LUÍS FILIPE MENEZES E JOSÉ LEITE PEREIRA MODERADOR

CHAMAR AS PESSOAS A PARTICIPAR NA VIDA DAS CIDADES

Ideias não faltaram numa conversa em torno da sustentabilidade das cidades. E exemplos. Novos ou copiados, baseados em boas práticas sociais. Com a participação e envolvimento dos cidadãos.

Área: 1423cm² / 75%

FOTO Tiragem: 133.131

Cores: 4 Cores

ID: 3610573



José Leite Pereira (JLP) – Num momento de crise, de que forma podem as cidades minorar o sofrimento das pessoas?

Luís Filipe Menezes (LFM) – No modelo de organização global em que vivemos, as cidades têm um papel determinante no desenvolvimento, haja crise ou não. Nas próximas décadas, vamos ter, no mesmo espaço, regiões com enorme sucesso, desenvolvimento e qualidade de vida, e outras que vão ficar para trás, numa lógica de federalização. É possível construir microprojectos susceptíveis de fazer a diferença. Portugal tem duas áreas metropolitanas que têm de se afirmar numa perspectiva de igualdade, do ponto de vista de desenvolvimento. O Porto e a Região Norte decaíram muito na última quinzena de anos. Partiu a economia, a cultura, a força social, porque perdemos poder político.

JLP – Alexandre Quintanilha é um viajante do mundo. O que o leva a fixar-se numa cidade?

Alexandre Quintanilha (AQ) – São razões diversas, mas antes gostava de contextualizar. Desde há dois ou três anos, metade da população mundial vive em cidades. As cidades são ecossistemas, o melhor sítio para se propagar doenças infecto-contagiosas. À medida que crescem, vão desenvolvendo problemas novos, ligados a questões como energia, transportes, saneamento, água. As economias locais, as iniquidades e as diferenças entre os muito ricos e muito pobres são questões que se colocam em todo o mundo. Há dezenas de histórias de sucesso pouco conhecidas, como as que foram introduzidas em cidades como Curitiba, no Brasil, Melbourne, na Austrália, Rízhau, na China, Mumbai na Índia, Brno, na Checoslováquia e Nairobi, em África, com a participação dos cidadãos. Aqui, continua a pensar-se que sabemos o que é bom para os outros.

JLP – Vivemos ainda isolados.

AQ – Num mundo muito paternalista. Em vez de ouvir os cidadãos, de constituir comunidades que par-

ticipem na construção e mudança das cidades, há dificuldade em aceitar contributos. As discussões focam-se em questões político-partidárias e é importante chamar as pessoas a participar nos mecanismos da cidade. Por exemplo, na parte velha do Porto, alguns bairros estão a ser recuperados e outros estão a cair, as pessoas não os pintam. Porque é que não se oferecem tintas aos moradores? Portugal tem aldeias lindíssimas, onde as pessoas têm orgulho nos seus pequenos jardins e fachadas bem tratadas. Deve-se estudar bem as histórias de sucesso para não repetir asneiras. Em Gaia, fizeram uma marginal fabulosa. Conheço dezenas de pessoas que vão de bicicleta do Porto até Espinho.

LFM – Foi uma coisa simples.

AQ – Que produziu um efeito espectacular. No Porto, também, a possibilidade de ir de bicicleta da Foz até Matosinhos ou do centro da cidade até Matosinhos faz uma grande diferença. Devia-se apostar mais em energias renováveis, criar transportes públicos para evitar que os carros circulem nas cidades. Habituar as pessoas a viver mais próximo do local onde trabalham, ter agricultura nas cidades, nos telhados dos prédios, usar energia solar, do vento, construir prédios de carbono neutro... os investimentos podem não ser baratos mas terão um retorno enorme.

LFM – A energia vital de uma comunidade pressupõe que todos participem. Em Portugal, tem muito a ver com um ancestral, secular, napoleónico, peso do Estado central. Quando o Estado local não chega aos cidadãos é porque também o Estado central não chega ao local. Pegando numa área da governabilidade que tem muito a ver com a preparação mental das pessoas – a educação –, porque não haver uma matriz nacional e, depois, as comunidades locais organizarem-se do ponto de vista do processo educativo com liberdade? Fazerem a auto-avaliação das suas escolas, dos seus professores, escolherem os melhores para dirigirem as escolas, não numa lógica política ou político-partidária, mas chamando as co-

munidade locais, as entidades educativas, as empresas, instituições e associações. O paternalismo de Estado, que se agudizou durante a ditadura, transmite para a sociedade a ideia de que alguém tem que mandar.

AQ – Não há iniciativa individual, espera-se que o Estado resolva.

LFM – As pessoas centram-se nas cidades, mas o Porto está, neste momento, com a população de 1900. Para encontrar modelos de desenvolvimento económico e social susceptíveis de atraírem riqueza é necessário diagnosticar a realidade antes de começar a tratar. Tem-

A energia vital de uma comunidade pressupõe que todos participem

se falado muito no prémio atribuído a Souto Moura, o mesmo que Siza Vieira recebeu há quase vinte anos, e que vem coroar a criativa escola de arquitectura do Porto. Organizar um grande congresso internacional sobre qualidade de vida urbana, à volta de figuras como Siza Vieira, Souto Moura, Fernando Távora e outros notáveis, financiando com dinheiros públicos, poderia transformar o Porto no grande centro de discussão da qualidade de vida das cidades na perspectiva do ordenamento, da arquitectura, da reabilitação urbana. O mercado, nomeadamente o europeu, provavelmente procuraria o Porto para realizar grandes encontros qualificados.

JLP – E as pessoas olhariam para o seu património de outra maneira.

AQ – Gosto da ideia. Estimularia o Porto e a Área Metropolitana: as pessoas e os governos das cidades a desenvolverem experiências que poderiam ser usadas para ilustrar o que é interessante fazer.

LFM – O exemplo de Barcelona é um pouco assim. Através do slogan “Barcelona põe-te bonita”, a administração estimulou as organizações de base, desde os bairros mais ricos aos mais pobres e degradados, a contribuir para a reabilitação da cidade. Outra ideia simples é a ci-

Área: 1423cm² / 75%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3610573



dade das pontes. Temos a felicidade de ter pontes de referência mundial, ligadas a Eiffel e seus discípulos, e a Edgar Cardoso, que não foi suficientemente homenageado. Porque não ser um grande centro de debate mundial sobre engenharia de pontes, sob a égide de Edgar Cardoso, centrado numa Faculdade de Engenharia como a da Universidade do Porto? Um grande museu onde se pudesse visitar o movimento fantástico de construção das pontes do Porto, fruto da própria geografia da Área Metropolitana? Permitiriam criar dinâmicas de desenvolvimento económico e social. A cidade tem que olhar para o seu desenvolvimento de acordo com a sustentabilidade global: social, cultural, orçamental e financeira. Não gosto de puxar dos galões da minha cidade, mas há pouco o professor falava do passado de Gaia. Na altura foi o primeiro, agora há por todo o país. Sabe onde me inspirei? Numa fotografia famosa que, com certeza, conhece: os irmãos Kennedy a passear no Maine, na sua casa de férias, de costas, num passadiço junto ao mar. Pensei: se é possível ter um passadiço no Atlântico do lado de lá, também é possível do lado de cá.

AQ – Foi buscar uma história de sucesso e aplicou-a.

LFM – É um pouco isso. Gaia era o patinho feio e tinha padrões ambientais muito maus, por exemplo, na questão de espaços verdes. Hoje, tem-se como padrão sete metros quadrados de espaço verde por habitante. Gaia vai chegar a 2013 com

esse número. Uma ideia nova, que também é copiada, de ligar as boas práticas da cidadania a créditos sociais. Dou um exemplo em que estamos a trabalhar, no qual participo o ex-presidente da Câmara do Porto, Nuno Cardoso. Procuramos, com empresas portuguesas, construir uma bicicleta eléctrica estacionável em parques públicos onde é registada a sua entrada. Cada cidadão, pelo número de dias do ano que utilizar a bicicleta para ir trabalhar, terá créditos sociais, que poderão ser, no caso de jovens com filhos, uma participação de dinheiros públicos nos livros escolares.

AQ – E é um estímulo à propagação da espécie, para aumentar a família. Não sei se estou totalmente de acordo (risos), mas faz todo o sentido.

LFM – A ligação das boas práticas num bairro, por exemplo, onde as pessoas se organizem para recuperar os prédios pode dar determinados créditos sociais, como uma creche instalada ou melhores condições para uma escola de proximidade.

AQ – E o contrário: o que destrói a sustentabilidade ter custos mais elevados.

LUÍSA MOREIRA EDIÇÃO
lmoreira@jn.pt

O que destrói a sustentabilidade deve ter custos mais elevados



‘No modelo de organização global em que vivemos, as cidades têm um papel determinante no desenvolvimento, haja crise ou não’

Luís Filipe Menezes
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE GAIA



‘As discussões focam-se em questões político-partidárias e é importante chamar as pessoas a participar nos mecanismos da cidade’

Alexandre Quintanilha
INVESTIGADOR



Data: 28.04.2011

Título: CHAMAR AS PESSOAS A PARTICIPAR NA VIDA DAS CIDADES

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11



Luis Filipe Menezes (à esquerda) foi o convidado especial em mais uma conversa com Alexandre Quintanilha (à direita) e o director do JN, José Leite Pereira

Área: 1423cm² / 75%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3610573